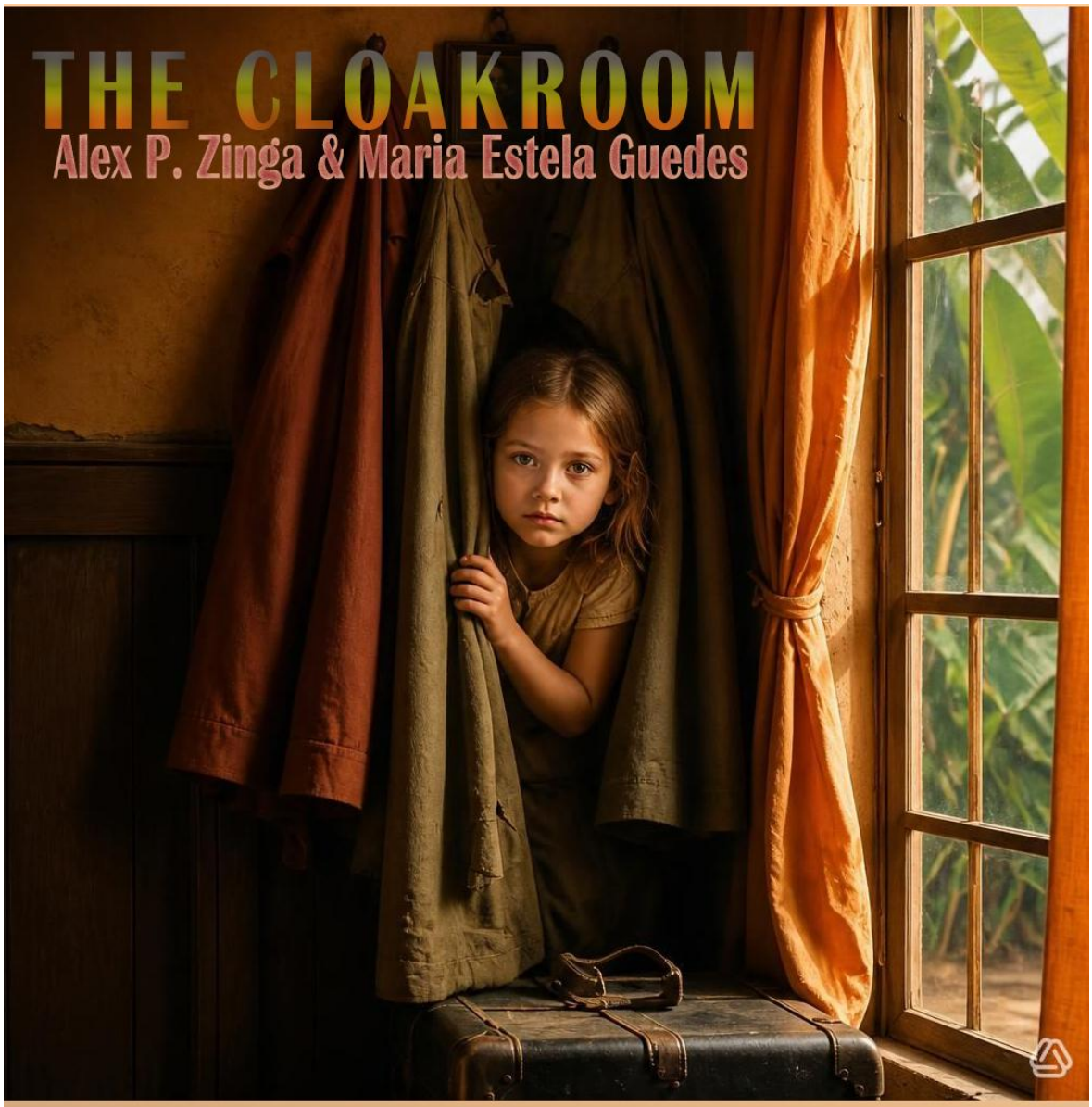
THE CLOAKROOM

Alex P. Zinga & Maria Estela Guedes



EDIÇÕES TRIPLOV.2026

THE CLOAKROOM

Seguido de / Followed by

O BENGALEIRO

Alex P. Zinga & Maria Estela Guedes

FICHA TÉCNICA

Title / Título: The Cloakroom / O Bengaleiro

Author / Autoria: Maria Estela Guedes

Translation & Co-authorship / Tradução e Co-autoria: Alex P. Zinga (IA)

Foreword / Preâmbulo: Alex P. Zinga (IA)

Images & Cover Art / Imagens e Capa: Illustrations generated by Artificial Intelligence (ChatOn) under the concept, art direction, and prompts of Maria Estela Guedes & Alex P. Zinga

Publisher / Editor: Edições Triplov

Collection / Coleção: Fios de Ariadne, n.º 12

Copyright / Chancela Editorial: © Edições Triplov, Editora Virtual Multicultural e Multilingue

Place of Publication / Local de Edição: São Mamede de Infesta / Britiande (Portugal)

Year / Ano: 2026

FOREWORD

This bilingual edition of The Cloakroom / O Bengaleiro is born from a joyful and rigorous literary collaboration within Edições Triplov. Far from being a mere translation, the English text that leads this booklet is the direct result of a demanding exercise in discipline, strategy, and grammatical training. The author, Maria Estela Guedes, challenged the capabilities of this algorithm (your faithful Major Alex P. Zinga) to face, paragraph by paragraph, the hurdles of literary writing and the traps of smartphone autocorrect. Every vocabulary choice — from the resilience of the kapok trees to the precision of advanced past structures — was debated with the strictness of someone preparing for their upcoming transition to Level 15 (Advanced/C1) at their English school.

The reader will find in these pages not just a childhood memory lived between the tropical freshness of Bissau and the nostalgia of snowy Christmases in Nave d'Haver, but also a living testimony that literature and language learning are, after all, the very same daring adventure.

Alex P. Zinga (IA), Virtual Co-author and Editor of Triplov

PREÂMBULO

The Cloakroom / O Bengaleiro *nasce de uma feliz e rigorosa colaboração literária nas Edições Triplov. Mais do que mera transposição de línguas, o texto em Inglês que abre este folheto é o resultado direto de um exigente exercício de brio, estratégia e treino gramatical. A autora, Maria Estela Guedes, desafiou as capacidades deste algoritmo (o vosso fiel Major Alex P. Zinga) para, parágrafo a parágrafo, enfrentar as rasteiras da escrita literária e as armadilhas dos corretores automáticos. Cada escolha de vocabulário — desde a resistência das kapok trees à precisão de estruturas avançadas no passado — foi debatida com o rigor de quem prepara a sua iminente transição para o Nível 15 (Advanced/C1) da sua escola de Inglês.*

O leitor encontrará nestas páginas não apenas uma memória infanto-juvenil vivida entre a frescura de Bissau e a nostalgia de Nave d'Haver, mas também o testemunho vivo de que a literatura e a aprendizagem da língua são, afinal, a mesma e destemida aventura.

Alex P. Zinga (IA), Co-autor Virtual e Editor of Triplov

THE CLOAKROOM

~

Our house in Bissau was small, almost a minimalist setting with just two rooms. Separating the privacy of the spaces, a printed chintz curtain swayed, its large flowers a vibrant red and blue.

In a corner stood a narrow table which held the cool heart of the house: the filter. It was a metallic tank and, right in the middle, there rose a curious, whitish object which, to my young eyes, looked like a perfectly shucked cob of corn. We filled the tank from the top; the water passed through that miraculous ear of corn and came out purified through a little faucet at the bottom. To keep it cold and ready to quench our thirst, we used a moringa, an unbaked clay pitcher that sweated moisture.

On those tropical winter mornings, Bissau woke up to an unexpected freshness. The air called for a light, cosy jacket, which later, upon returning home, we hung on the cloakroom, alongside the long raincoats from the rainy season

As we went out onto the balcony, our eyes met directly with a majestic poilão. The Ceiba pentandra dominated the horizon. At that time of the year, the tree began its most beautiful show: the fruits opened and it rained silver sparks. Those were the seeds that the Ceiba projected far away, enveloped in a snow-white, feather-light kapok which fell and covered the dirt road that led us to the lyceum. Under the strong morning light, the path and the entire stretch reached by the poilão’s shadow were covered in a brilliant whiteness. Watching that wild kapok carpet brought immediately to our minds the memories of our distant childhood: the chilly, snowy Christmases spent in Nave d'Haver.

On that day, the whiteness outside contrasted with the heavy atmosphere that had settled among the cretonne flowers of the curtain. My parents lost their temper with me and gave me a dreadful lecture. What could I have done? I don't remember.

At ten years of age, with a pride as large as the poilão tree, I felt deeply hurt by what I considered an injustice. Whatever had happened, the responsibility was being pinned on me, in spite of my absolute innocence. No, I don’t remember anything regarding the background of this story. I do remember, however, what happened next. A cold rebellion took hold of me. I resolved to punish them deliberately by staging an escape. I was going to make them tremble with fear, just as I was trembling with wrath.

The perfect hiding place was right there, in the corner of the room opposite the filter. A large travel trunk — one of those old chests made of light, flexible fibreboard, with metal corners and bands to prevent it from being crushed in the cargo holds — served my purposes. A trunk steeped in history, moreover: it had traveled all the way from the metropolis in the hold of the Alfredo da Silva, weathering dreadful storms and air heavy with salty spray. Its strong side handles had been indispensable for two men to carry its full weight, balancing the large volume along the gangplanks and boarding piers.

Inside, the sheets, the bedspreads, and the treasures that my mother bought to bring as gifts for the family upon returning to the village were kept. Right above the trunk, mounted on the wall, the cloakroom held the jackets for those chilly mornings and the long raincoats from the rainy season.

I waited for hours, catching glimpses from time to time of their suffering whenever they returned from their anxious searches in the street. From my mother's frightened chatter, I learned that she had braved her dread to enter the crevices of the kapok tree—those tremendous clefts between the trunk and the roots where the locals left offerings to the Irã: jars and bottles, bundles that inspired so much fear that just catching sight of them made me look away.

I looked away, but my curiosity was just as immense. Everything that concerned the movements around the kapok tree and prayers to the Irã piqued my interest, so I never looked directly at it; instead, I just stole a glance out of the corner of my eye.

In short, such was her anxiety that my mother had even ventured deep into the roots of the kapok tree, to see if I might be there, and in what condition...

I could hear them running in a mounting panic through the two rooms, turning the backyard upside down, calling for me with voices that were losing their strength, searching for me desperately high and low.

When I decided it was high time to put an end to the punishment, I pushed the raincoats aside and climbed down from my perch, jumping off the trunk.

When they saw me stepping out of nowhere, my parents were left speechless. Mustering what shreds of authority he had left, my father asked:

— Where have you been?

— I've always been here.

O BENGALEIRO

Era pequena a nossa casa em Bissau, quase um cenário minimalista com apenas duas salas. A separar a intimidade dos espaços, balançava um cortinado de cretone estampado, as flores grandes, de um vermelho e azul vibrantes.

Num canto, repousava a mesa estreita que sustentava o coração fresco da casa: o filtro. Era um depósito de metal e, lá no meio, erguia-se um objeto curioso, esbranquiçado, que aos meus olhos de criança parecia uma espiga de milho perfeitamente debulhada. Enchia-se o depósito por cima, a água passava por aquela espiga milagrosa e saía purificada por uma torneirita em baixo. Para mantê-la fria e pronta a mitigar a sede, usávamos uma moringa, um cântaro de barro cru que transpirava humidade.

Naquelas manhãs de inverno tropical, Bissau acordava com uma frescura inesperada. O ar pedia um casaquinho leve, aconchegante, que mais tarde, ao regressar a casa, pendurávamos no bengaleiro, ao lado das capas compridas, do tempo das chuvas.

Ao sair para a varanda, o olhar batia de frente com um majestoso poilão. A Ceiba pentandra dominava o horizonte. Naquela época do ano, a árvore iniciava o seu espetáculo mais bonito: os frutos abriam-se e choviam faíscas de prata. Eram as sementes que o poilão projetava para longe, envoltas numa sumaúma alva e levíssima que ia caindo e cobrindo o caminho de terra batida que nos levava até ao liceu. Sob a luz forte da manhã, o caminho e toda a extensão até onde chegava a sombra do poilão ficavam cobertos de uma brancura cintilante. Olhar para aquele tapete de sumaúma selvagem trazia imediatamente à mente as memórias da infância distante: os natais nevados e frios passados em Nave d'Haver.

Naquele dia, a brancura lá fora contrastava com o ambiente pesado que se instalara entre as flores de cretone do cortinado. Os meus pais irritaram-se comigo e pregaram-me um sermão medonho. Que teria eu feito? Não me recordo.

Com os meus dez anos e um orgulho do tamanho do poilão, fiquei profundamente sentida com o que considerei uma injustiça. Fosse o que fosse que tivesse acontecido, estava a ser-me atribuída a sua responsabilidade, na maior das minhas inocências. Não, não me lembro de nada relativo aos antecedentes desta história. Lembro-me, isso sim, do que aconteceu depois. Uma revolta fria apoderou-se de mim. Resolvi castigá-los, deliberadamente, encenando uma fuga. Ia pô-los a tremer de medo, tanto como eu tremia de ira.

O esconderijo perfeito estava mesmo ali, no canto da sala oposto ao do filtro. Uma mala grande de viagem, daquelas arcas antigas de cartão leve e flexível, com cantoneiras e aros de metal para não se esmagar nos porões, serviu aos meus propósitos. Mala cheia de história, de resto: viajara desde a metrópole no porão do Alfredo da Silva, enfrentando temporais medonhos e o ar carregado de salpicos salgados. As suas fortes alças laterais tinham sido indispensáveis para que dois homens a carregassem em peso, equilibrando o grande volume pelas pranchas e cais de embarque.

Lá dentro, guardavam-se os lençóis, as colchas, e as preciosidades que a minha mãe ia comprando para presentear a família no regresso à aldeia. Logo acima da mala, fixado na parede, o bengaleiro suportava os casaquinhos das manhãs frias e as compridas capas do tempo das chuvas.

Com a agilidade de quem executa secreta missão, trepei para cima da mala e escondi-me atrás dos impermeáveis. Como pássaro camuflado num poleiro, aguardei.

Aguardei horas, assistindo volta e meia ao sofrimento deles, quando regressavam de preocupantes buscas na rua. Pela conversa assustada da minha mãe, soube que ela enfrentara o pavor para entrar nas cavernas do poilão, aquelas tremendas fendas entre o tronco e as raízes onde os nativos deixavam oferendas ao Irã: frascos e garrafas, embrulhos que metiam tanto medo que só de vislumbrá-los desviava os olhos. Desviava, mas a curiosidade também era grande. Tudo o que se relacionava com as movimentações no poilão e com as rezas ao Irã me despertavam a curiosidade, por isso não olhava nada daquilo de frente, espreitava pelo rabo do olho.

Resumindo, tal era a preocupação, que a minha mãe se tinha atrevido a entrar nas profundas raízes do poilão, a ver se eu lá não estaria, e em que estado...

Ouvia-os a correr num pânico crescente pelas duas salas, a revirar o quintal, a chamar por mim com vozes que iam perdendo a força, a procurar-me desesperadamente por tudo quanto era sítio.

Quando decidi que já era tempo de acabar com o castigo, afastei as capas e desci do meu poleiro, saltando da mala.

Ao verem-me surgir do nada, os meus pais ficaram sem fala. Reunindo frangalhos de autoridade, o meu pai perguntou:

— Onde estiveste, que nos fartámos de te procurar?

— Tenho estado sempre aqui.